

Maurício da Silva

Do sentido próprio ao sentido figurado: o percurso(a interferência) do corpo na formação dos conceitos mentais e seus contornos sociais.

Crônicas cognitivas

Em favor da noção da mente corporicizada...

*O corpo na sua caminhada milenar.
Levando a mente aonde ele quer que ela vá.*

Ou

*Entre o conhecimento, a sociedade e a linguagem,
Tem um corpo no meio do caminho;
No meio do caminho
Tem um corpo!*

INTRODUÇÃO

Uma das questões fundamentais para aqueles que estudam a relação entre conhecimento, linguagem e sociedade é:

“ *Como explicar de que modo as coisas do mundo vão parar dentro da nossa cabeça (inclusive transformando-se em palavras com as quais se pode falar sobre o mundo)?*” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2004)

Os estudos na área da Cognição que tratam da relação entre linguagem e mundo e entre linguagem e conhecimento, longe de ser um campo teórico bem definido e maduro se constitui de “ um conjunto de preocupações e uma agenda investigativa em ascensão na Lingüística atual e não de um programa fechado de pesquisa.” (KOCH& CUNHA-LIMA ,2004, 251).

Em decorrência desse estado atual dos trabalhos, abre-se um leque de opções e de vertentes em que estas relações podem ser estudadas.

FRANÇOSO & ALBANO (2004) falam que todo programa científico tem suas questões de fé e teorias que se desenvolvem a partir dessas questões de fé.

Muitas são as questões de fé dos cientistas estudiosos da linguagem e de outros objetos. No que tange às questões ligadas à relação entre linguagem e mente , há no mínimo duas grandes vertentes. Uma, clássica, “que se preocupa fundamentalmente com aspectos internos, mentais, individuais, inatos e universais” do processamento da linguagem. Outra, que está fundamentalmente preocupada com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem.

Ambas, cada uma a seu modo, podem ser chamadas de perspectivas *descorporicizadas*, isto é, desconsideram o corpo nas relações que buscam estabelecer.

A primeira que cogita os aspectos mentais internos tem sua instância de descorporização no fato de acreditar que o corpo é apenas uma prisão para a mente. Como dizem KOCH & CUNHA-LIMA (2004) , o homem seria acima de tudo um animal racional e o que temos de mais precioso é a razão, chave para desvendar o mundo. O corpo seria o abrigo dos “imperfeitos sentidos e da interferência de elementos baixos de nossa natureza, que seriam “interferências da matéria”, como emoções e instintos.”

A segunda, que cogita aspectos externos e sociais da linguagem é descorporicizada , à medida que considera a língua “um fenômeno apenas social que “se apossa” do indivíduo, que fala “através” dele. Aspectos como memória e processamento mental não são considerados pertinentes.

Apesar de terem em comum o aspecto da *descorporicização*, o diálogo entre a perspectiva cognitiva imanente e a social não tem sido possível.

É nesse contexto de dissidência e impossibilidade de diálogo entre as perspectivas que aparece uma autor ,George Lakoff, proponente de uma integração entre aspectos individuais e sociais na formação de conceitos mentais. Nessa proposta integradora entre indivíduo e sociedade, o *corpo* assume importância fundamental. É principalmente a essa visão que vamos nos logofiliar.

A questão de fé que norteia as crônicas cognitivas desses escritos é a defendida por Lakoff e Johnson(1999): a de que a mente é corporicizada, isto é, o que se passa em nosso corpo físico está inter-relacionado com o que se passa na nossa mente. Mente e corpo **não são** instâncias separadas na constituição humana. Numa linguagem mais técnica, poderíamos dizer que “os aspectos motores e perceptuais (físicos) bem como as

formas de raciocínio abstrato (mentais) são todos de natureza semelhante e profundamente relacionados.”

Acontece uma espécie de “mescla” em que vivências e características do mundo físico do corpo fornecem material para a formulação de perspectivas e conceitos mentais. Indo mais além, poder-se-ia arriscar dizer que é este mesmo corpo um dos responsáveis pelos contornos sociais que esses conceitos vão assumindo ao longo de da história de sua formação. Se o corpo vivencia a experiência positivamente, por exemplo, os conceitos relacionados a essa vivência tenderão a entrar na mente e lá se transformarem em palavras que assumirão contornos conceituais positivos também. E, se assumirem, em contextos específicos, contornos desfavoráveis é porque esse mesmo corpo, naquele contexto, deve ter tido alguma sensação de desconforto ou transtorno. O mesmo vale para o contrário.

Lakoff foi por nós escolhido por ser um dos proponentes de um diálogo entre cognitivistas clássicos e estudiosos preocupados com aspectos externos, sociais e históricos da linguagem.

Para esse autor, o corpo funciona como uma espécie de filtro para a formação de conceitos. O corpo físico é o intermediário entre as coisas do mundo e os conceitos mentais. O nosso tipo de organismo é determinante da forma pela qual concebemos o mundo e, conseqüentemente, o conceituamos.

O que querem então essas crônicas cognitivas?

1)- por serem crônicas poderem se valer de linguagem acessível que facilite o entendimento do maior número possível de leitores.

2)- reivindicar a existência da “inteligência corporal” , ou do “corpo inteligente” o melhor ainda do “corpo discursivo”, do “corpo dialógico”.

Não concordamos com os cognitivistas clássicos que menosprezam o corpo e o consideram a morada dos baixos instintos. Não concordamos também com os sociocognitivistas que ignoram o corpo e o apagam dos seus estudos. O corpo é, ao mesmo tempo, o obstáculo e o acesso entre o mundo e o eu. Mentes sem corpos são “mentes penadas” que não poderiam habitar o nosso planeta. Para além do corpo-contínua, o corpo-conteúdo inteligente. O corpo *nietzchiano*, aquele que é a GRANDE RAZÃO em oposição à pequena razão que parece habitar na caixa craniana. A primeira crônica tentará tratar de um dos conceitos-chave de Lakoff: os MCI's (Modelos Cognitivos Idealizados). Tais modelos na sua formação passam primitivamente por experiências corporais que vão se estabelecendo ao longo de toda a nossa existência.

A segunda crônica tratará da realidade **bípede** do corpo humano e das suas conseqüências na formação de conceitos mentais numa perspectiva social: dos meros localizadores no espaço físico , para os situadores na escala social.

A terceira crônica lida com dois conceitos lingüísticos: a **dêixis** e a **catacrese**. Na dêixis, defenderemos a idéia de que o localizador de proximidade e distância é o corpo físico do falante. Na catacrese, mostraremos que ela é um exemplo clássico das chamadas projeções corporais (bodily projections): é a analogia com a localização posicional de nossos órgãos que fornece material para a formação desse tipo de metáfora.

A quarta crônica tratará do **bimanismo** , grande diferencial do corpo humano capaz de manejar ferramentas e por extensão dessa função do corpo físico, manipular o mundo e as palavras: a palavra é a mão da mente.

A quinta tratará dos conceitos de **chão/terra/baixo** de dois pontos de vista: do ponto de vista do **bipedismo** que precisa do chão da terra e da parte de baixo para garantir o seu sustento e que por isso esse conceito quando assim olhado assumirá contornos positivos

e do ponto de vista do **binamismo**, parte de cima, o chão ,olhado daí, assumirá contornos sociais disfóricos, ou seja, desfavoráveis.

A sexta crônica tratará da relação entre a realidade orificial do nosso corpo e um conceito de *interação*. Tentaremos mostrar que o conceito de interação está intimamente ligado ao de “abertura”. E , ao nosso ver, essas aberturas estão no nosso corpo no integrando com o mundo.

A sétima tratará do conceito de **escuro**. Levantarei a hipótese de que o dicionário não leva em consideração as características da visão humana e que por isso designa **escuro** como falta de luz não como incapacidade de enxergar.